

Raphael Bordallo Pinheiro no Brasil

LUIZA MARTINEZ

Figuram no acervo da Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, entre outras obras de grande interesse e valia, alguns números dos jornais satíricos “O Mosquito” e “O Besouro”, com desenhos de autoria do grande caricaturista que foi Raphael Bordallo Pinheiro. Estes trabalhos realizados pela pena ágil de Raphael ilustram de uma forma analítica e bem humorada, com a garra que lhe é peculiar, o período de cerca de quatro anos vividos no Brasil, para onde vem em agosto de 1875, embarcado no navio inglês “Potosi”.

Raphael Bordallo Pinheiro que, em Lisboa, vivia alegremente entre as récitas do São Carlos, as tertúlias do Café Martinho e as ceatas boêmias fora de portas, esboçando os seus desenhos jocosos sobre os debates de São Bento — onde tantas vezes os parlamentares partiam da palavra truculenta para o tabefe —, ilustrando e immortalizando as interpretações dos artistas do teatro da época, Eduardo Brasão, Furtado Coelho, Lucinda Simões, Emília Adelaide, sentia que os bastidores lisboetas, as suas tramas e comédias não lhe bastavam e empreendeu abalar para o Brasil, onde intuía que farto manancial se oferecia ao ímpeto do seu lápis de comentador satírico do cotidiano.

Chega, então, a insistir com o seu grande amigo Júlio César Machado para que o acompanhe, mas acaba por partir só. Do Rio de Janeiro, vem-lhe oportunamente o convite do comerciante Manuel Carneiro, dado ao jornalismo, para colaborar em “O Mosquito”, jornal predominantemente caricatural. Bordallo acerta o contrato, termina a publicação, em Lisboa, de “A Lanterna Mágica” e rumo a terras equatoriais.

Com um vencimento de cinquenta libras, desembarca e instala-se em casa do negociante português Faro e Oliveira, mas acaba por formar estúrdia “república” na Rua Nova das Laranjeiras, nº 6. O maestro Arthur Napoleão,

Cyriaco Cardoso e Cunha Vasco, amigo dileto, fazem parte do grupo. O sobradão, que possui um belo jardim com tanques de mármore, é cenário de animada boêmia, de que participa alegre companhia feminina e onde se realizam “aprés-soupers” regados a bom vinho e acompanhados de música embaladora. Janota, bem parecido, dado à paródia, não é difícil a Bordallo Pinheiro adaptar-se à vida galante do Rio de Janeiro. Inicia a sua colaboração em “O Mosquito”, esboçando uma série de pequenos desenhos em que dá as suas impressões de viagem, os seus receios durante a travessia, os seus falsos juízos sobre o Brasil e suas gentes, a encantada surpresa que vem encontrar em tudo quanto se lhe depara. Trabalha como é seu costume com nervosa rapidez, sob o fôgo da inspiração, não raras vezes em cima da hora, brotando muitos dos seus desenhos de improviso, já quase sobre a pedra litográfica. Conta José Patrocínio, seu colaborador. “Só à última hora, quando só dispunha do tempo estritamente necessário para desenhar metia mãos ao trabalho, murmurando entre dentes: “Anda Sísifo, toca para a pedra”.

Tudo serve de estímulo à sua atividade criadora, os carnavais no Rio, os episódios da política, as atitudes do bonachão Imperador, a quem irreverentemente mas com certa dose de ternura trata por Pedro Malas Artes, as solenidades mundanas, os saraus de beneficência e ainda o teatro que tanto o atrai, ele que chegou a ser ator-amador. Tudo comenta, uma vez irônico, outras apenas risonho.

Contraí, entretanto, a febre amarela mas, ainda convalescente, realiza uma das suas melhores obras, ao tempo, pela minúcia prodigiosa, pelo detalhe incomparável, que intitula: “Delírios Febris (Sonho)”. Figura-se a si mesmo enfermo e acamado, com a mesa de cabeceira atulhada de remédios e mezinhas, assestando o binóculo sobre uma multidão de reduzidíssimas dimensões, que assiste a um concerto regido pelo seu amigo, o maestro Arthur Napoleão: a “Missa de Requiem”, de Verdi. O Imperador, a corte e o ministério estão ali representados em inúmeras figurinhas liliputeanas, desenhadas com pormenor e requinte, incrivelmente reconhecíveis e caracterizadas. Igualmente exemplar, aquele outro trabalho em que, por ocasião da visita de Dom Pedro a uma exposição na Filadélfia, a Princesa Isabel, de cetro em punho, dirige a “Grande Orquestra” e em que estão presentes ministros e políticos, em três dezenas de pequeninas figuras esboçadas com extrema perícia. Do lado direito da Princesa Isabel, o Conde d’ Eu prepara-se para virar a folha da partitura, enquanto D. Pedro, de mala aviada, parte, fazendo as últimas recomendações. São trabalhos de raro virtuosismo, só realizáveis pela pena de um mestre.

Bordallo Pinheiro, que fora iniciado na loja “Restauração de Portugal”, da maçonaria portuguesa, tomando o nome de “Goya”, é, em matéria de política, um republicano convicto, anti-clerical, defensor dos pobres e humilha-

dos, mas está longe de ser um radical, sem se deixar nunca dominar pela paixão ou o ódio partidários. É através da troça raramente contundente, que ele critica, desmistifica e denuncia.

Assim, a sua participação na “Questão Religiosa” — levantada no Brasil com virulento ataque pastoral à Maçonaria — em que satiriza a figura do cônego José Gonçalves Ferreira, diretor de “O Apóstolo”, jornal da reação católica, que para sempre o seu lápis fixou na caricata personagem de corpo rotundo, face nédua, óculos encavalitados no nariz que fareja heresias, truculência no gesto e no discurso.

Mas, descontente com as críticas de Bordallo, o Barão do Lavradio refere-se, no Senado, a certos estrangeiros que se atrevem a ridicularizar os representantes da nação que generosamente os acolhe, pedindo para estes imediatas medidas repressivas. E alude, jocosamente, aos portugueses que, segundo ele, vinham para o Brasil de tamancos e jaqueta de trinta botões tentar fortuna e desprestigiar os políticos do Império. Bordallo Pinheiro reage à sua maneira e sai à rua de jaquetão azul, com três ordens de espalhafatosos botões de madre-pérola (mandado executar expressamente) e calças brancas: as cores da bandeira nacional. Logo se representa em “O Mosquito”, em auto-caricatura, usando o mesmo traje, mas desta vez com um desmesurado chapéu alto encimado por um mosquito, o símbolo do jornal, e ostentando na mão direita uma espécie de grande moca, que mais não seria do que um grosso talo de couve galega — com a qual se propõe desancar aqueles que teimam em alcuñar de “galegos” os seus compatriotas.

“O Mosquito” terminara, nascera o “Psit!!!” e, mais tarde, “O Besouro”, estes dois últimos fundados pelo próprio Bordallo. Em qualquer deles o seu grande talento é posto ao serviço de uma crítica rica de espírito de observação e sutil humor, que usa o riso saudável. Bordallo Pinheiro chega a afirmar, em entrevista ao Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, que “não há manifestação artística sem finalidade moral”. Satirizando a corrupção dos políticos, a empáfia e a vaidade de uma certa classe da sociedade, a ingenuidade algo apalermada do povo, a alienação dos hábitos e costumes, a generalização leviana de determinados conceitos, Bordallo Pinheiro exercia, de fato, a arte como um poderoso veículo risonhamente moralizador.

São figuras típicas, criadas durante o seu período de trabalho no Brasil, o elegante “Psit”, janota de casaca e monóculo, perfumado a Eau de Lubin: o “Botafogo”; e o seu contrastante “Arol”, brega e basbaque; “O canal do Mangue”. Outra personagem da sua vasta galeria, na época, foi o “Fagundes”, que parece haver sido inspirada num candidato a deputado, João José Fagundes de Rezende e Silva — e que tem flagrante parentesco com o Conselheiro Acácio, em engraçada tradução feita para a realidade brasileira por Raphael Bordallo Pinheiro.

Mas, se Bordallo Pinheiro fizera grandes e sinceros amigos, no Rio de Janeiro, que o aplaudiam e incentivavam, granjeara, também, inimigos ferozes, sobretudo no despeitado setor de política alvejado pelas suas certeiras e impiedosas frechadas. Por duas vezes chegara a ser agredido, de tocaia — de que saía felizmente mal arranhado. Em fins de 78, o jornal é assaltado por energúmenos, pagos sem dúvida por quem Bordallo atingira através das suas caricaturas. À nostalgia da Pátria, de que se encontrava distante havia quatro longos anos, vem juntar-se o desgosto que estes incidentes provocam nele, levando-o a decidir regressar, enfim, a Portugal.

Foi, porém, gratificadamente fecundo este período de atividade, em que contactou com uma realidade diferente, rica de episódios picarescos, sobretudo no campo da política, que o seu lápis sabe visar com bem humorada irreverência, documentando e fixando no tempo. Como diria Eça de Queiroz: “Em política constitucional, pelo menos, o riso é uma opinião”.

O seu talento robustece-se, a sua técnica ganha novas “nuances”, tipos diversos vêm aumentar uma já vasta galeria de figuras que estigmatizam para sempre as várias camadas sociais que formam a comunidade de então. E tão fecundo foi, com efeito, este hiato de tempo na carreira de Bordallo Pinheiro, que ele mesmo, durante uma homenagem promovida em julho de 1903 pela Associação dos Jornalistas de Lisboa, e em resposta à pergunta de alguém que pretendia saber se ele cursara a Academia de Belas Artes, revela, de jato: “Tenho o curso da Rua do Ouvidor. — ... — Eu canto de ouvido!”

De regresso a Lisboa, onde chega a 29 de abril de 1879, volta a trabalhar febrilmente, do seu lápis incansável hão-de surgir “António Maria”, “Album de Glórias”, “Os Pontos nos ii”, “A Paródia”, novos tipos nascerão e se tornarão imorredouros, ilustrando a vida social, política e romântica de Lisboa coeva do reinado de Dom Luís. Bordallo irá dedicar-se, ainda, à cerâmica, da maneira apaixonada com que se entrega às formas de arte. Da Fábrica das Caldas sairão novas personagens cómica ou comoventemente inspiradas, tal o Zé Povinho (já aparecido nas páginas do “António Maria”, em desenhos primorosos), o cura da aldeia, a alcoviteira, a ama-de-leite, o John Bull e tantas outras que passam a fazer parte de uma galeria popular que diverte a sociedade portuguesa, que as adquire e exhibe em suas casas.

Raphael Bordallo Pinheiro voltará ainda uma vez ao Brasil, em 1899, para aqui deixar um trabalho de cerâmica, a “Jarra Beethoven”, que é oferecida ao Dr. João do Rego Barros, o qual, por sua vez, a oferta ao Palácio do Cateite, sede da Presidência da República, ao tempo.

O ideal de emancipação e liberdade fará de Raphael Bordallo Pinheiro, ao longo da vida, um demolidor de preconceitos, injustiças estabelecidas, prepotências, estultícias e jactâncias — tudo o traço seguro do seu lápis reduzirá ao riso, à sã e depuradora gargalhada.

A sua imaginação prodigiosa, o seu poder de análise incomparável, a sua exaustiva pintura dos costumes, fazem de Bordallo Pinheiro um tão sagaz e sutil crítico da sociedade burguesa da época, quanto o foram através da prosa Ramalho Ortigão com “As Farpas” ou Fialho de Almeida com “Os Gatos”.

